

DOSSIÊ TEMÁTICO: SOCIOLINGUÍSTICA E INTERFACES NA DIVERSIDADE  
BRASILEIRA



# O SOTAQUE DE BRASÍLIA: BREVES DESCRIÇÕES ETNOGRÁFICAS DO INVENTÁRIO CONSONANTAL

## THE ACCENT OF BRASÍLIA: BRIEF ETHNOGRAPHIC DESCRIPTIONS OF THE CONSONANTAL INVENTORY

Newton Vieira LIMA NETO  
Instituto Federal de Brasília (IFB)  
E-mail: [newton.neto@ifb.edu.br](mailto:newton.neto@ifb.edu.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2824-8337>

76

### RESUMO

Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior materializada em Lima Neto (2018). Conduzida à luz da Sociolinguística Etnográfico-interacional (HYMES, 1974; BELL, 2014), a investigação se dispõe a fornecer breves descrições etnográficas do inventário consonantal do português falado em Brasília. Para isso, foram elencadas sete famílias de duas Regiões Administrativas (RAs) do DF, quais sejam: o Plano Piloto (RA-I) e o Gama (RA-II), com membros das duas primeiras gerações da capital federal. Como metodologia, o estudo recorre aos pilares da Etnografia da Comunicação (HYMES, 1974) e da Autoetnografia (HAYANO, 1979), com dados gerados a partir de entrevistas narrativas/semiestruturadas. O enfoque linguístico recaiu sobre a realização do /s/ pós-vocálico, embora outros fenômenos do inventário consonantal tenham sido observados qualitativamente. Nas duas RAs observou-se que os falares da primeira geração parecem estar associados a um processo de difusão dialetal, aqui entendida como difusão candanga, enquanto as falas da segunda parecem se encontrar num estágio de focalização dialetal, ou focalização brasiliense, (LE PAGE, 1980; BORTONIRICARDO, [1985](2011)) bem encaminhado.

**Palavras-chave:** Brasília. Falar candango. Sotaque de Brasília. Focalização dialetal.

### ABSTRACT

This paper is an excerpt from a larger research project presented in Lima Neto (2018). Conducted under the framework of Ethnographic-Interactional Sociolinguistics (HYMES, 1974; BELL, 2015), the investigation aims to provide brief ethnographic

descriptions of the consonantal inventory of the Portuguese spoken in Brasília. For this purpose, seven families from two administrative regions of the Federal District (DF) were selected: Plano Piloto and Gama, with members of the first and second generations of the Brazilian federal capital. As for the methodology, the study employs the foundations of Communication Ethnography (HYMES, 1974) and Autoethnography (HAYANO, 1979), with data generated through narrative/semi-structured interviews. The linguistic focus centers on the realization of the post-vocalic /s/, although other phenomena of the consonantal inventory were qualitatively observed. In both administrative regions, it was observed that the speech of the first generation seems to be associated with a process of dialect diffusion, referred to as “candanga diffusion”, while the speech of the second generation appears to be in a stage of dialectal focussing, or “Brasiliense focusing” (LE PAGE, 1980; BORTONI-RICARDO, [1985](2011), well underway.

**Keywords:** Brasilia. Candango dialect. Accent of Brasilia. Dialect focussing.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte de uma pesquisa materializada em minha dissertação de mestrado, *Brasília, sua gente, seus sotaques: difusão candanga e focalização brasiliense na capital federal* (LIMA NETO, 2018)<sup>1</sup>. Enquanto naquele estudo ancorei-me primordialmente nos pilares da Sociolinguística Etnográfico-Interacional (HYMES, 1974; BELL, 2014) para lançar luzes sobre a relação imbricada entre a história de Brasília, as identidades brasilienses e os sotaques das populações nascidas na capital federal, aqui me atenho mais detidamente a esta última dimensão, a dos falares brasilienses.

Seja nas situações comunicativas mais comuns do dia a dia, seja em grandes fios de intermináveis discussões do Twitter<sup>2</sup>, ou mesmo no âmbito acadêmico, trazer este tópico à tona é lançar-se em uma grande guerra discursiva. É colocar-se em estado de

<sup>1</sup> Trabalho vencedor do Prêmio Brasília 60 Anos, na categoria Melhor Dissertação de Mestrado, conferido pela Universidade de Brasília em 2020. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília, mediante parecer consubstanciado nº 2.747.188/2018.

<sup>2</sup> As chamadas *threads*: discussões ou exposições argumentativas costuradas por diversos *tweets*. Atualmente, um *tweet* é um microtexto de até 280 caracteres. Autores podem fazer uma sequência de *tweets* para aumentar este limite de caracteres e para ganhar engajamento na rede social Twitter.

prontidão para responder duas perguntas que abordamos naquele estudo de 2018 e sobre as quais ora nos debruçamos: “Mas Brasília tem sotaque?” e “Que sotaque é esse?”.

A primeira pergunta dá nome à primeira seção deste artigo. Nela, discuto o conceito de sotaque e apresento outros dois conceitos sociolinguísticos estruturantes da investigação: “difusão dialetal” e “focalização dialetal”. Na sequência, apresento o desenho de pesquisa do estudo. Na terceira seção, forneço breves descrições etnográficas do inventário consonantal do português falado em Brasília, de modo a abordar a pergunta “Que sotaque é esse?”. Por fim, seguem-se as considerações finais e as referências.

### “MAS BRASÍLIA TEM SOTAQUE?”

Em Lima Neto (2018), em lugar de responder esta indagação, busquei, antes, compreender as possíveis razões para que se coloque tão frequentemente dentro e fora do dia a dia da capital federal, seja em mesas de bar, em fóruns virtuais ou a mim, pesquisador do tema. Nesse empreendimento, compreendi que, embora formulada como indagação, costuma haver entre aqueles(as) que a postulam crenças subjacentes sustentadas na negativa: “Brasília *não* tem sotaque”.

Debrucei-me, então, sobre o significante “sotaque” para entender de que forma este conceito operava no imaginário popular. Algumas noções encontradas foram as de que “sotaque” é uma entidade que pode estar ausente ou presente em uma determinada língua: pode-se tê-lo ou não. Ou que só há sotaque se é possível descrevê-lo imediatamente. Ou mesmo que não há sotaque em Brasília, apenas uma mistura incaracterística que engloba gírias. Ou, ainda, que o sotaque de Brasília é o anulamento de outros sotaques.

Com tantas disputas de sentido, lancei mão de revisar as delimitações deste escopo fornecidas por teóricos (as) da Linguística, como Roach (2009, p. 3):

As línguas têm diferentes **sotaques**: elas são pronunciadas distintamente por pessoas de diferentes lugares geográficos, de diferentes classes sociais ou diferentes idades e diferentes experiências educacionais. A palavra *sotaque* é frequentemente confundida com **dialeto**. Nós usamos a palavra *dialeto* para nos referirmos a uma variedade de uma língua que é diferente de outras não só na pronúncia, mas também em questões de vocabulário, gramática e ordem das palavras. Diferenças de sotaque, em

contrapartida, são somente diferenças de pronúncia (p. 3, grifos do autor)<sup>3</sup>.

Lyons (2009, p. 201) endossa esta definição e complementa que sotaques são “[...] todo tipo de variação fonética, inclusive aquilo que é subfonêmico no sentido de que nunca é considerado como a base de contraste funcional”. Com isto, entendemos que comunidades falantes de uma mesma língua, dividindo práticas sociais em um mesmo espaço geográfico e compartilhando características comuns (perfil etário, perfil socioeconômico, grau de instrução e inserções culturais, por exemplo), tendem igualmente a compartilhar um repertório fonético-fonológico que constitui parte da variedade linguística (dialeto) da língua que falam. O processo de formação dessas normas é situado socio-historicamente e leva tempo. É também a partir daí que emana certa desconfiança de que Brasília, uma cidade tão jovem, com modos de falar supostamente não passíveis de pronta “imitação”, ainda não teria um sotaque característico. Não obstante, os estudos sobre os falares de Brasília estão presentes há quase quatro décadas: iniciam-se em Bortoni-Ricardo [1985]/(2011) e se desenvolvem em trabalhos como os de Hanna (1986), Adant (1988), Melo (1988), Corrêa (1998), Scherre *et al.* (2011) e Lima Neto (2018).

Diz-se de qualquer região que passe por um processo similar ao de Brasília, no qual falantes de variedades distintas de uma mesma língua necessitem conviver em uma delimitação geográfica específica, que se estabelece uma “coiné”. O termo significa “comum” e foi criado no período helenístico para designar a norma unificada proveniente dos dialetos Iônico, Dórico e Ático (séc. 4 a.C.) em Atenas (SILVA NETO, 1986). A produção da coiné pressupõe a sobrevivência de formas linguísticas menos marcadas, a preferência por formas tidas como mais neutras e o apagamento de sotaques regionais mais evidentes. A maior parte dessas transformações ocorre na pronúncia, no caráter fonético-fonológico do dialeto.

Em sintonia com o surgimento de uma coiné estão os conceitos de “difusão dialetal” e “focalização dialetal”, definidos por Le Page (1980) e basilares nos trabalhos

---

<sup>3</sup> Tradução minha do original: *Languages have different accents: they are pronounced differently by people from different geographical places, from different social classes, of different ages and different educational backgrounds. The word accent is often confused with dialect. We use the word dialect to refer to a variety of a language which is different from others not just in pronunciation but also in such matters as vocabulary, grammar and word order. Differences of accent, on the other hand, are pronunciation differences only.*

de Milroy (1980) e Bortoni-Ricardo [1985]/(2011). Na difusão dialetal pressupõe-se mudanças paulatinas das variedades coexistentes de modo que, em longo prazo, uma nova seja produzida. Tais modificações envolvem o apagamento de marcas mais características em lugar da formação de uma variedade mais neutra, próxima de formas concebidas como menos estigmatizadas. A difusão dialetal, entretanto, acontece de forma mais assistemática e sobre ela incidirão fatores de cunho econômico, educacional, político e sociocultural. A maior parte dos estudos realizados sobre a dimensão fonético-fonológica da capital federal (BORTONI-RICARDO, [1985]/(2011); HANNA, 1986) se debruça sobre este fenômeno.

Do outro lado, a focalização dialetal prevê a sistematização de fenômenos linguísticos por uma comunidade de falantes. Nesse sentido, pode-se dizer que dialetos como o baiano ou o mineiro, por exemplo, são variedades bem focalizadas, uma vez que colhidas amostras de fala de indivíduos destas comunidades, a realização fonético-fonológica e morfossintática de diversos fenômenos tende a acontecer de maneira similar. No contexto brasiliense, o trabalho de Corrêa (1998) é pioneiro ao mapear, há um quarto de século, uma focalização dialetal já em curso à época. No estudo, a autora se debruçou sobre a realização do /s/ pós-vocálico e das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e se deparou com variantes categóricas ou quase categóricas entre a geração mais jovem do Plano Piloto e de Ceilândia, o que já sugeria naquela altura uma sistematização focalizante: brasilienses sibiliam e usam vogais médias – *dê.lícia* e *fôr.taleza*, e não *dé.lícia* ou *fór.taleza*.

Em um contexto de bastante difusão cultural, como foram os anos 1960 e 1970, era esperado que a fala dos primeiros naturais do DF também sofresse influências calcadas na profusão de sotaques das cinco regiões do país concentrados num espaço comum. Por essa razão, tenho tratado a coíné de Brasília como “difusão candanga”. Paralelamente, no momento em que a primeira geração de naturais do Distrito Federal tem seus filhos, nos anos 1980 e 1990, Brasília já galgava aspectos identitários num período em que as diferenças culturais e linguísticas começavam a dar lugar a um *modus operandi* genuinamente brasiliense. Também por esse motivo tenho tratado a focalização dialetal em Brasília como “focalização brasiliense”.

No recorte aqui apresentado, torno à pesquisa conduzida em Lima Neto (2018) para fornecer breves descrições etnográficas de como se dá a realização focalizada de algumas variáveis do inventário consonantal do português brasiliense.

## DESENHO DE PESQUISA

Neste artigo, enquadra-se o desenho de pesquisa que se refere especificamente ao alcance de um dos objetivos de Lima Neto (2018):

### Quadro 1: Objetivo de pesquisa.

Partindo de dentro das comunidades de fala, analisar alguns dos falares brasilienses utilizados por pessoas de duas gerações provenientes do Plano Piloto (RA-1) ou do Gama (RA-2), por meio da descrição de alguns dos traços mais evidentes de cada um desses falares, especialmente no nível fonético-fonológico.
--

Fonte: Lima Neto (2018, p. 24).

### Percurso: Um Olhar Etnográfico

Para o alcance do referido objetivo, este estudo se ancora em uma perspectiva etnográfico-interacional da sociolinguística (HYMES, 1974; BELL, 2014). Nesse arcabouço, tanto o delineamento de perguntas e asserções quanto a geração e o tratamento dos dados emanam de uma perspectiva qualitativo-interpretativista, que privilegia contextos de microescala e contatos de perto com as comunidades investigadas. Embora não se tenha realizado uma etnografia em essência (ANGROSINO, 2009), o estudo ora apresentado se dá em um percurso de cunho etnográfico.

Os dados foram gerados e tratados a partir dos pressupostos da Etnografia da Comunicação (HYMES, 1974; SAVILLE-TROIKE, 2003), que se orienta por uma descrição do(s) outro(s) cujo enfoque ontológico se coloca na tecitura do fio comunicacional de determinada comunidade. Ademais, como brasiliense nascido e criado e, portanto, membro ratificado das comunidades investigadas, recorri também às contribuições da Autoetnografia (HAYANO, 1979) para lançar mão de memórias, asserções e registros acumulados ao longo de quase três décadas, especialmente constituídos e categorizados no período de investigação.

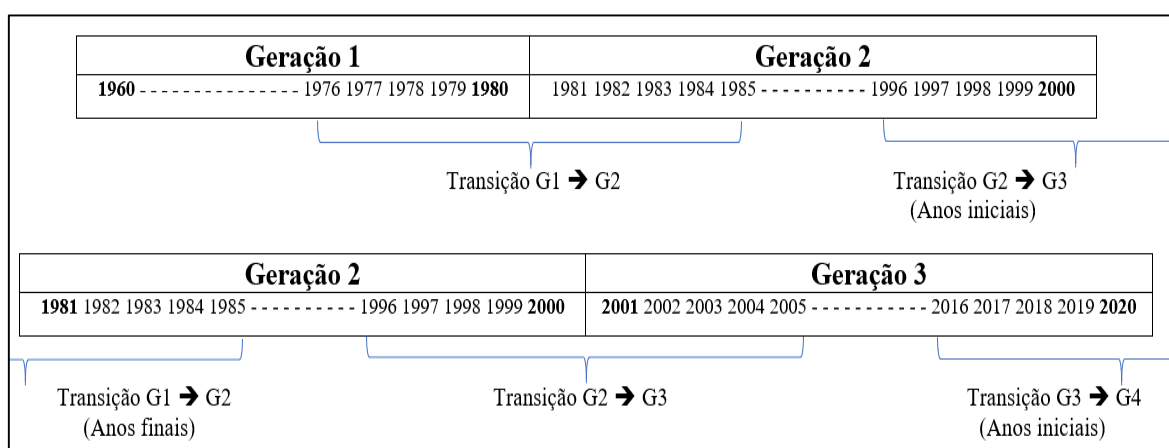
### Contexto e Participantes

Os dados analisados emanam de uma das fases do estudo de Lima Neto (2018) e referem-se a uma entrevista realizada com 7 (sete) núcleos familiares radicados no

Distrito Federal: 4 deles provenientes da Região Administrativa I (RA-I), o Plano Piloto, e os outros 3 da Região Administrativa II (RA-II), o Gama<sup>4</sup>.

Na ocasião, buscava-se núcleos familiares que satisfizessem o requisito de dispor de membros da 1ª geração (G1) e da 2ª geração (G2) de nascidos e criados em algumas das duas RAs do Distrito Federal elencadas, conforme nos mostra a Figura 1:

**Figura 1:** Gerações do Distrito Federal



**Fonte:** Lima Neto (2018, p. 116).

Na Figura 1 considera-se o surgimento de uma nova geração a cada vinte anos a partir da inauguração da capital federal em 1960. Nesse modelo, que não é rígido, considero que os cinco anos finais de uma geração podem apontar tendências no que constituirá o repertório linguístico da geração posterior, enquanto os cinco anos iniciais de uma nova geração podem ainda trazer fortes conexões com a geração antecedente. Neste recorte, estão contemplados os naturais do Distrito Federal da Geração 1 (G1) e da Geração (G2), priorizando-se aqueles que não tenham nascido em anos considerados transicionais, conforme o Quadro 2:

**Quadro 2:** Perfil geracional de colaboradores(as).

<b>Gerações</b>	<b>Nascimento</b>	<b>Idade (anos completos em 2018)</b>
Geração 1 (G1)	Entre 1960 e 1975	Entre 43 e 58 anos
Geração 2 (G2)	Entre 1986 e 1995	Entre 23 e 32 anos

**Fonte:** Elaborado a partir de Lima Neto (2018, p. 116).

<sup>4</sup> Lima Neto (2018) traz uma discussão profunda sobre as diferenças socioeconômicas, históricas e culturais entre as duas RAs. Dadas as limitações e objetivos deste artigo, aqui me atenho mais detidamente às semelhanças e distinções relacionadas a fenômenos linguísticos.



Para o recrutamento das famílias<sup>5</sup> e entrada nos núcleos familiares, acionei a ferramenta das Redes Sociais (MILROY, 1980; BORTONI-RICARDO, 2011), que não se referem àquelas que acessamos virtualmente, mas às redes de contato, em sentido amplo, do próprio pesquisador. O estudo foi divulgado, portanto, entre contatos de primeira ordem (pessoas com quem o pesquisador já teve algum contato prévio) e de segunda ordem (pessoas que têm um contato em comum com o pesquisador).

Nos termos dos componentes comunicativos hymesianos, a *situação comunicativa* em análise envolveu a minha ida ao encontro de cada uma das 7 famílias para realizar uma entrevista que contemplasse as histórias de vida dos respectivos núcleos familiares na capital federal, passando por sua chegada, radicação e diferentes fases da vida até aquele momento. Embora todos os presentes tenham tido suas falas transcritas e analisadas para responder aos diversos objetivos da pesquisa original, apenas 15 (quinze) atendiam aos requisitos mínimos para terem suas falas analisadas de um ponto de visto linguístico-descritivo, quais sejam: índice significativo de integração à RA<sup>6</sup>, Plano Piloto ou Gama, e enquadramento na G1 ou na G2. Na Tabela 1, apresento o perfil dos(das) colaboradores(as), considerados a sua RA, família, anos completos à época e Índice de Integração à RA, variando de 0 a 1.

**Tabela 1:** Colaboradores(as) plenamente ratificados(as)

GRUPO	COLABORADOR(A)	FAMÍLIA	IDADE	ÍNDICE DE INTEGRAÇÃO
<b>Plano Piloto G1</b>	Érica	Medeiros	46	0,53 – M
	Maísa	Baeza	62	0,9 – MA
	Fernando	Medeiros	45	1 – MA
	Heitor	de Abreu	60	0,54 – M
	<b>MÉDIA</b>			<b>53.2</b>
<b>Plano Piloto G2</b>	Giovana	Brum	23	0,76 – A
	Samara	Baeza	29	0,99 – MA
	Miguel	Baeza	31	0,95 – MA
	Paulo	Brum	29	0,61 – M
	<b>MÉDIA</b>			<b>28</b>
<b>Gama G1</b>	Dalva	Oliveira	44	1 – MA
	Karen	Carvalho	55	0,61 – M

<sup>5</sup> Um fato inesperado no recrutamento dos(das) colaboradores(as) é que dois deles nasceram, no que se tornaria Brasília, antes mesmo da inauguração da capital federal: Heitor de Abreu, em 1958, e Maísa Baeza, em 1956. Para fins de tratamento dos dados, consideramos os dois como plenamente ratificados, inseridos na G1.

<sup>6</sup> Uma vez que o fluxo de trânsito e mesmo migratório entre RAs é bastante relevante, o Índice de Integração à RA foi uma ferramenta quantitativa que elaborei para compreender o quanto cada colaborador mostrava ser integrado à sua RA de origem, variando de 0 a 1 (Cf. LIMA NETO, 2018, p. 130).

	Neusa	Souza	57	1 - MA
	Jean	Oliveira	51	0,72 - A
	<b>MÉDIA</b>		<b>53.2</b>	<b>0,83 - A</b>
<b>Gama</b>	<b>Beatriz</b>	<b>Oliveira</b>	<b>28</b>	<b>0.88 - A</b>
<b>G2</b>	<b>Mariana</b>	<b>Oliveira</b>	<b>26</b>	<b>0.86 - A</b>
	<b>Samuel</b>	<b>Souza</b>	<b>34</b>	<b>0.83 - A</b>
	<b>TOTAL</b>		<b>29.3</b>	<b>0.85 - A</b>

**Fonte:** Adaptado de Lima Neto (2018, p. 219)

**Legenda:** Índice de Integração: M - Mediano; A - Alto; MA - Muito alto;

### Estratégias de Geração de Dados

No estudo, lancei mão da estratégia de observação participante (ANGROSINO, 2009), que, ancorada em registros e memórias autoetnográficos, englobou não só os dois anos de pesquisa, mas os meus anos de vida enquanto pessoa nascida e criada no Distrito Federal, com graus de inserção distintos no Plano Piloto e no Gama (Cf. LIMA NETO, 2018, p. 122). Além disso, uma análise documental apurada de ambas as RAs, bem como meus registros e notas de campo materializados em diários de bordo foram cruzados e confrontados com os estudos supracitados e com as falas encontradas em campo. Neste momento, atemo-nos às entrevistas narrativas de história de vida dos núcleos familiares investigados. As entrevistas foram gravadas e transcritas utilizando-se convenções de Gumperz e Berenz (1993)<sup>7</sup>.

### Procedimentos de Análise

Para Hymes (1974), a geração de dados deve contemplar e interseccionar oito componentes comunicativos, que, em inglês, geram a combinação mnemônica SPEAKING: situação, participantes, sequência dos atos, tom, instrumentos, normas e gêneros<sup>8</sup>. Neste artigo, privilegiamos a análise dos registros do corpus que se referem ao componente *key* - tom, isto é, às formas como as comunidades investigadas *dizem*; aqui, a forma como realizam determinados fonemas de suas variedades linguísticas.

Os fonemas elencados são aqueles tomados por muitos sociolinguistas como definidores de isoglossas, ou seja: “[..] fronteiras imaginárias que delimitam o início e o fim do uso de uma forma ou outra dentro de regiões específicas” (LIMA NETO, 2018, p. 44), tais como a maneira como se pronuncia o /s/ em final de sílaba (sibilante como

<sup>7</sup> As convenções de transcrição utilizadas podem ser conferidas em Lima Neto (2018, p. 16)

<sup>8</sup> Tradução minha do original: *situation, participants, acts of sequence, key, instrumentalities, norms and genres*.

em São Paulo, chiado como no Rio de Janeiro) ou as vogais médias pretônicas (*dê.lícia* como em Minas Gerais, *dé.lícia* como no interior do Ceará).

A partir de minhas asserções e do manejo qualitativo do corpus constituído no âmbito de duas gerações, G1 e G2 (perfil diageracional), e de duas RAs, Plano Piloto e Gama (perfil diatópico), pude confirmar variantes categóricas e registrar variantes dissidentes para descrever alguns aspectos da focalização dialetal brasiliense. Note-se que um estudo arraigado na tradição variacionista da sociolinguística (LABOV, 1972) só se permitiria generalizar as descrições que aqui proponho depois de observados diversos pressupostos das ciências positivistas: amostras aleatórias, mais colaboradores(as), mesmo tempo de entrevista para cada um deles, diferentes testes de controle, robustez no tratamento quantitativo dos dados para além da frequência/proporção, submissão a *softwares* de pacotes estatístico como o *Goldvarb* ou o *R* e replicação do estudo com outras amostras.

O olhar etnográfico que aqui apresento não dispensa outros(as) sociolinguistas de observarem estes pressupostos para que confirmem ou rejeitem as descrições fornecidas. Pelo contrário, na escassez de pesquisas debruçando-se sobre a focalização dialetal brasiliense, esta perspectiva convida pesquisadores(as) da área a tratar as descrições etnográficas fornecidas como alicerces de suas hipóteses investigativas para que se confirme, complemente ou mesmo rejeite o apresentado.

Em meu universo de colaboradores(as) agrupei um número mínimo daqueles(as) com perfil diatópico e diageracional similar e elenquei uma das variáveis descritas para receber certo tratamento quantitativo: a realização do /s/ pós-vocálico. A análise foi feita de forma individual e em quatro grupos contrastivos (G1 e G2 do Plano Piloto, G1 e G2 do Gama), consideradas todas as limitações aqui expressas. A análise – ainda assim bastante dispendiosa – levou em conta apenas a frequência e a proporção dos dados no corpus. Outras variáveis foram tratadas de forma qualitativa, isto é, analisadas sob um viés descritivo daquilo que se mostrou categórico ou dissidente de minhas asserções enquanto pesquisador natural de Brasília manejando, meses a fio, as mesmas gravações de áudio e o arcabouço teórico já apresentado.

### **“QUE SOTAQUE É ESSE?”: BREVES CONTRIBUIÇÕES ETNOGRÁFICAS**

O meu intuito nesta seção é o de fornecer breves descrições de três variáveis do inventário consonantal do português brasiliense: o /s/ pós-vocálico, o /r/ pós-vocálico

e as consoantes /t/ e /d/ diante de [i]. Na apresentação do /s/ pós-vocálico levo também em consideração análises estatísticas de frequência e de proporção dos dados, enquanto nas duas últimas ancore-me nos registros etnográficos. No que se mostre relevante, teço considerações sobre similaridades e distinções sobre os dados obtidos no Plano Piloto e no Gama, (diatópicas), bem como entre a G1 e a G2 (diageracionais). Ao fim da seção, sintetizo as considerações aqui colocadas no Quadro 3.

### **O /s/ pós-vocálico**

A realização do /s/ pós-vocálico é uma variável que contribui à delimitação de isoglossas em mapeamentos dialetais brasileiros. Qualquer brasileiro(a) de outro estado que passe duas horas na capital federal interagindo com brasilienses das duas gerações e de quaisquer RAs provavelmente não terá dúvidas acerca da norma elencada na capital federal: a sibilante. O fato é também endossado pelos dados de Corrêa (1998), que mapeia uma sibilização quase universal no Plano Piloto e em Ceilândia.

Embora analisar a distribuição do /s/ pós-vocálico na capital federal tenha a ver com identificar a sua norma categórica de realização, é preciso também mapear as exceções, ou seja, as realizações não-sibilantes na fala de colaboradores(as). Em Lima Neto (2010), investiguei um chiado recorrente num contexto específico: o do /s/ pós-vocálico diante de sílabas africadas [tʃi] e [dʒi], como em “poste” ou “os dias”. Enquanto alguns foneticistas argumentariam que o ambiente é favorecedor e que o fenômeno ocorre em diversos dialetos brasileiros, ative-me ao fato de que nem todos(as) os(as) colaboradores(as) naquele corpus realizavam a palatalização do /s/ nesse contexto. Assim, se a palatalização já era a norma na G2 do Plano Piloto, por vezes a preferência da G1, mesmo nesse contexto, era a sibilização.

Naquele estudo, o que pude observar é que, uma vez que a coiné brasiliense tenha dado lugar a formas sibilantes de prestígio, as formas palatais nesse contexto – mais facilmente articuladas, de fato – puderam sobreviver nos falares da capital federal sem qualquer estigmatização, dada a sua quase não-percepção. Ainda em Lima Neto (2010), não obtive dados que revelassem um /s/ pós-vocálico palatal (chiado) diante de outro contexto qualquer que não aquele em evidência. Em Lima Neto (2018), porém, houve ocorrências do tipo na fala de alguns(algumas) colaboradores(as) da G1, em ambas RA-I e RA-II. Érica foi a colaboradora com mais ocorrências do tipo, alcançando

a proporção de 10% na produção de ocorrências palatais em contextos não favorecedores, em elocuições como:

ÉRICA: aí o[3] meu[ʃ] trê[z]irmão[3] vieram..morar. com ele[ʃ]

Na apresentação de dados como os produzidos por Érica, reitero que o meu intuito é mapear as variantes do /s/ pós-vocálico marcado, que considerarei inicialmente como três: sibilante, como em [‘mez.mu]; palatal, como em [‘mez.mu]; aspirada, como em [‘meh.mu]. Uma vez que as ocorrências palatais diante de sílabas como /tʃi/ e /dʒi/ não costumam despertar um senso iminente de que há predominância de um chiado na fala do brasiliense, podendo ser entendidas por fenômenos inerentes à realização de uma variante definida, optei por agrupar, na Variante 1, os totais de realizações sibilantes do /s/ pós-vocálico e os totais de realizações palatais do /s/ pós vocálico diante de sílabas favorecedoras, como [tʃi] e [dʒi]<sup>9</sup>. A Variante 2 representa as ocorrências palatais em quaisquer outros contextos, que não o diante dessas sílabas. Na Variante 3, ficam em evidência as ocorrências de realizações aspiradas. Nos quatro grupos de colaboradores, os dados universais ficaram assim dispostos:

**Tabela 2:** Distribuição do /s/ pós vocálico.

		Variante 1		Variante 2		Variante 3	
		Sibilantes e Palatais em contextos favorecedores		Palatais em outros contextos		Aspiradas	
		(Freq.)	(Prop.)	(Freq.)	(Prop.)	(Freq.)	(Prop.)
<b>Plano Piloto</b>	<b>G1</b>	1604/1678	95,59%	49/1678	2,92%	25/1678	1,49%
<b>Plano Piloto</b>	<b>G2</b>	866/873	99,2%	0/873	0%	7/873	0,80%
<b>Gama</b>	<b>G1</b>	1104/1181	93,48%	27/1181	2,29%	50/1181	4,23%
<b>Gama</b>	<b>G2</b>	950/956	99,37%	0/966	0%	6/956	0,63%

**Fonte:** Adaptado de Lima Neto (2018, p. 222).

Como se pode observar da Tabela 2, a sibilização está confirmada como a norma na capital federal nos quatro grupos em foco. O que fica evidente, porém, é que há um aumento das ocorrências dessa variante na transição da G1 para a G2 do Plano Piloto (de 95,59% a 99,2%), bem como no Gama (de 93,48% a 99,3%).

<sup>9</sup> Em Lima Neto (2018, p. 221) apresento também um outro perfil distribucional do /s/ pós-vocálico em que a Variante 2 (palatal) inclui as ocorrências palatais diante de [tʃi] e [dʒi].

Nesse sentido, pode-se perceber uma tendência maior à difusão dialetal nas G1 e à focalização dialetal nas G2. Enquanto não há qualquer ocorrência de natureza palatal em outros contextos na G2, tanto no Plano Piloto, quanto no Gama, a palatalização ocorre em 2,92% dos dados na G1 do Plano Piloto e em 2,29% dos dados da G1 gamense. Além disso, as ocorrências de /s/ aspirado nas duas G2 é também bastante reduzida e similar: 0,80% no Plano Piloto e 0,63% no Gama. Já na G1 do Plano Piloto se constatou uma proporção quase duas vezes maior que a de sua G2, enquanto no Gama a diferença da G1 para a G2 é de quase sete vezes. Jean, colaborador da G2 do Gama, lidera o número proporcional de ocorrências aspiradas no corpus, pouco mais de 6% de todos os seus dados produzidos.

Lima Neto (2018, p. 222) reagrupa esses mesmos dados também em nível diageracional (G1 das duas RAs vs. G2 das duas RAs) e em nível diatópico (G1 e G2 do Plano Piloto vs. G1 e G2 do Gama). Desse reagrupamento se evidenciou ainda mais a focalização dialetal na G2 e o fato de que não houve diferenças significativas entre as duas RAs na realização do /s/ pós-vocálico.

### As consoantes /t/ e /d/ diante de [i]

Diante de [i], a norma da realização dos fonemas /t/ e /d/ no contexto da focalização brasiliense é a de maneira africada [tʃ] e [dʒ]. No corpus, fogem a essa regra algumas ocorrências produzidas de forma alveolar [t] e [d], por Jean e Breno, da G1 do Gama. É importante frisar, contudo, que embora a análise não tenha sido feita de forma exaustiva, as formas não parecem se equiparar tão fortemente àquelas utilizadas em várias cidades da Região do Nordeste, uma vez que são normalmente seguidas por uma vogal [i] levemente mais curta que aquela realizada na referida região:

JEAN: não. num taquei não. fui **injusticado** uma vez. fui acusado uma vez. [iŋ.ʒus.ti.sa.du].

HEITOR: ele alte:ra a história. esse meu **irmão**/ [i.ɫ'mão]

**Quadro 3:** O sotaque de Brasília em três variáveis consonantais

Variáveis	Fatores sociais e variantes	Exemplos
<b>/s/ pós-vocálico</b> <pasta> <carros> <mesmo> <poste> <os dias>	Nas duas RAs e gerações, é quase categórica a sibilização.	<pasta> ['paste] o /s/ é realizado como o [s] de <sapo>.  <mesmo>: ['mezmu] o /s/ é realizado como o [z] de <zebra>.
	Nas duas RAs, há ocorrências pontuais de aspiração, fenômeno um pouco mais frequente na G1 que na G2.	<mesmo> ['mehmu]  o /s/ é realizado como [h], o som inicial de <rato> na maior parte do país
	Nas duas RAs e gerações, quando o /s/ surge em ambientes fonologicamente favorecedores (antes de [tʃi, dʒi]), há predominância da palatalização, ou seja, de uma realização chiada. Especialmente entre a G2, o chiado é a norma predominante neste contexto e muitas vezes apaga o [t].	<poste> 1. ['pɔʃtʃi] ou 2. ['pɔʃi]  1. o /s/ é realizado de maneira palatal (chiada), assimilando a palatalização existente na realização de /t/ como [tʃ].  2. o /s/ é realizado de maneira palatal (chiada) e o /t/ é apagado.
<b>Consoantes /t/ e /d/ diante de [i]</b> <tia> <dia>	Nas duas RAs, é categórica a realização de /t/ e /d/ diante de [i] de maneira africada [tʃ] e [dʒ] para a G2, e quase categórica para a G1, com ocorrências bastante pontuais de [t] neste grupo.	<tia> e <dia> [tʃiɐ] e [dʒiɐ] os primeiros sons não se realizam como os sons iniciais de <tabela> ou <dado>, mas como aqueles utilizado por falantes do Rio de Janeiro, com um efeito chiado.
<b>/r/ pós-vocálico</b> <porta> <sabor>	Nas duas RAs e gerações, é realizado quase categoricamente a partir de sua variante aspirada [h].	<porta> ['pɔh.te]  o /r/ é realizado como [h], o som inicial da palavra <rato> na maior parte do país
	No corpus, apenas entre a G1 do Plano Piloto, há ocorrências bastante pontuais da variante aproximante alveolar [ɹ], uma versão percebida como um pouco enfraquecida em relação ao retroflexo [ɹ], presente no vocábulo <four> da língua inglesa.	<porta> ['pɔ.ɹte]  o /r/ é realizado como [ɹ], a variante caipira de algumas cidades do interior do estado de São Paulo.

Fonte: O autor.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, abordamos a máxima do “não-sotaque” brasileiro a partir da delimitação científica do conceito de “sotaque”. Em suma, colhidas amostras da fala de

uma determinada comunidade de prática e identificadas a utilização de variantes categóricas ou quase categóricas por um determinado grupo, é bastante provável que haja uma variedade linguística em formação (difusa) ou já bem formada (focalizada). Nesse sentido, respondemos de maneira direta e assertiva a primeira indagação aqui colocada: sim, brasilienses (já) têm sotaque!

Longe de ser exaustivas, apresentei nesta oportunidade três normas do inventário consonantal do português falado em Brasília para iniciar uma resposta à outra pergunta, “Que sotaque é esse?”. Tais normas tangenciam o aspecto fonético-fonológico do falar da capital federal: antes, difuso e candango; agora, focalizado e brasiliense. Se algumas pesquisas têm evidenciado a focalização brasiliense em sua dimensão morfossintática (SCHERRE *et al.*, 2011), há ainda carência de estudos sociolinguísticos – variacionistas ou etnográfico-interacionais – que balizem esta focalização em seu aspecto fonético fonológico. Isto pode se dar, por exemplo, ampliando as descrições do inventário consonantal, fornecendo descrições do inventário vocálico ou mesmo mapeando os aspectos suprasegmentais e prosódicos da fala de Brasília em níveis diatópico e diageracional.

Por fim, se, sem dúvida, as descrições da categoria hymesiana *key – tom* necessitam dos estudos variacionistas para maior sustentação estatística, acredito que também estes estudos podem se beneficiar de uma maior sustentação etnográfico-interacional em suas análises futuras.

## REFERÊNCIAS

ADANT, Josepha. **Difusão Dialeto**: o caso dos alagoanos em Brasília. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1988.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução de José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. Tradução: Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Caxangá. São Paulo; Parábola Editorial, [1985]/(2011).

BELL, Allan. **The guidebook to sociolinguistics**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014.

CORRÊA, Cíntia. **Focalização Dialeto em Brasília**: um estudo das vogais pretônicas e do /S/ pós-vocálico. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

Newton Vieira LIMA NETO. O SOTAQUE DE BRASÍLIA: BREVES DESCRIÇÕES ETNOGRÁFICAS DO INVENTÁRIO CONSONANTAL. JNT - Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO – MÊS DE NOVEMBRO. Ed. 47. VOL. 03. Págs. 76-91. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br).



GUMPERZ, John; BERENZ, Norine Frances. "Transcribing conversational exchange". In: J. A. Edwards e M. D. Lampert (Eds.), **Talking data: Transcription and coding in discourse research**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1993, pp. 91-121.

HANNA, Elizabeth. **Difusão e focalização dialetal: o caso de Brasília**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1986.

HAYANO, David. "Auto-ethnography: Paradigms, Problems and Prospects". In: **Human Organization**, v. 38, n. 1, p. 99-104, 1979.

HYMES, Dell. **Foundations in Sociolinguistics: an ethnographic approach**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972

LE PAGE, Robert. Projection, focussing and diffusion. In: **York Papers in Linguistics 9**, pp. 9-31, 1980.

LIMA NETO, Newton. **Mas brasileiro chia?** – Focalização dialetal e o fenômeno da (des)palatalização em Brasília. Monografia (Graduação em Letras-Português). Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

LIMA NETO, Newton Vieira. **Brasília, sua gente, seus sotaques: difusão candanga e focalização brasileiro na capital federal**. 2018. 259 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Tradução de Marilda Winker Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2009 [1981]

MELO, Djalma. **Atitudes Linguísticas e as Variedades Regionais de Fala no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1988.

MILROY, Lesley. **Language and social networks**. Oxford: Basil Blackwell: 1980.

ROACH, Peter. **English Phonetics and Phonology: a practical course**. 4th ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. **The Ethnography of Communication: an introduction**. 3 ed. Malden, MA: Blackwell, 2003.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; DIAS, Edilene Patrícia; ANDRADE, Carolina Queiroz; LUCCA, Nívia Naves Garcia; ANDRADE, Adriana Lília Vidigal Soareas de. Tu, você, cê e ocê na variedade brasileiro. **PAPIA 21** (Volume Especial), p. 117-134, 2011. ISSN 0103-9415.

SILVA NETO, Serafim. **História da Língua Portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

Newton Vieira LIMA NETO. O SOTAQUE DE BRASÍLIA: BREVES DESCRIÇÕES ETNOGRÁFICAS DO INVENTÁRIO CONSONANTAL. JNT - Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO – MÊS DE NOVEMBRO. Ed. 47. VOL. 03. Págs. 76-91. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br).